

Jornal *A Reacção*: rastro de uma cultura letrada no oitocentos cametaense

Profa. Ms. Ivone dos Santos Velosoⁱ (UFPA)

Resumo:

*No século XIX, as transformações no cenário político-econômico e sociocultural brasileiro possibilitaram a emergência de uma cultura letrada que se fez sentir em todas as províncias do país, a exemplo, no Pará. Nesse contexto se fez notar a cidade de Cameté, uma região da província, que ascendeu para sua inclusão na História Literária do Norte com a inserção de dispositivos que contribuíram para a formação de uma sociedade em busca do desenvolvimento intelectual. Reconhecida como Patrimônio Histórico Nacional, a cidade de Cameté teve uma influência significativa na história paraense, o que sublinha sua importância como centro de pesquisa à cultura da/na região. Assim sendo, este artigo busca no jornal *A Reacção*, periódico cametaense da segunda metade do século XIX, os vestígios dessa cultura.*

Palavras-chave: jornal, cultura letrada, século XIX

1 Os “intermediários esquecidos da literatura”¹ paraense

O presente artigo refere-se a algumas notações em torno de uma provável/movimentada cultura das letras no interior paraense, em especial na cidade de Cameté, durante a segunda metade do século XIX. Essa questão que se levanta surgiu a partir da tentativa de constatar a existência de um Gabinete Literário naquela cidade, considerado um dos mais importantes da região norte, mas que, no entanto, ficou esquecido pela própria história local e, hoje, é praticamente um desconhecido na história das práticas literárias do dezenove paraense.

Assim, em busca desse Gabinete senão esquecido, mas semiesquecido, encontramos, em documentos do arquivo do Museu Histórico de Cameté, registros de que havia naquele oitocentos, além do Gabinete, outras associações literárias, várias tipografias, e jornais, dentre os quais *A Reacção*, o que me levou a pensar que talvez não seja apenas uma instituição literária esquecida, mas todo um sistema literário em que uma cultura letrada, em que textos canônicos ou não, de autores reconhecidos ou não, circularam por entre leitores especializados ou não.

Entendo aqui por cultura letrada, uma cultura das Letras, cujo sentido remonta o significado do termo letra encontrado no *Dicionário da Língua Portuguesa*, de 1789, composto por Antonio de Moraes Silva, conforme nos informa Márcia Abreu (2003, p.29-30) em *Letras, Bellas-Letras, Boas letras: LETRA: [...] Sciencia, saber v.g homem de*

¹ A expressão é tomada evidentemente de Robert Darnon

muitas letras. Letras humanas, bellas letras, são as humanidades i.e Filosofia, Rethorica e Poética, História.

Dessa maneira, no final do século XVIII, o termo letra, embora já apontasse para um significado mais restrito, o de Belas-letras, identificava-se, sobretudo, com saber, isto é, conhecimento, erudição, sentido que continua a existir nos oitocentos. Assim, falar em uma cultura das letras no interior amazônico equivale a dizer de práticas que vislumbravam o fomento do palavra escrita e a emergência de novos contextos de leitura que divulgavam conhecimento.

No século XIX, a emergência dessa cultura letrada se fez sentir em todas as províncias do país, a exemplo, no Gram Pará. Nesse contexto se fez notar a cidade de Cameté, uma região da província, que ascendeu para sua inclusão na História Literária do Norte com a inserção de dispositivos que contribuíram para a formação de uma sociedade em busca do desenvolvimento intelectual com fins à ascensão e ao reconhecimento social, assim como de um sistema literário. Reconhecida como Patrimônio Histórico Nacional, a cidade de Cameté teve uma influencia significativa na história paraense, o que sublinha sua importância como centro de pesquisa à cultura da/na região, vez que os próprios jornais dos oitocentos enfatizam a importância dessa cidade, a exemplo, o periódico paraense *O Jasmim, folha religiosa, noticiosa e critica* que em seu número inaugural, de 26 de janeiro 1873, traz uma espécie de artigo informativo sobre a cidade:

Cameté- A risonha e aprasivel cidade de Santa Cruz de Cameté(Cameté é corrupção, ou antes modificação da palavra Camutá, nome de uma tribo gentílica que aqui vivia) inquestionavelmente a segunda cidade da riquíssima província do Gram Pará, está assentada na margem esquerda do rio Tocantins, trese léguas acima da sua foz, em terreno plano mais sobranceiro ao leito do rio. O clima é ameno e saudável, os Cametaenses de trato cavalheiroso e muito obsequiadores.

Foi fundador desta importante povoação Feliciano Coelho, primeiro capitão mor e senhor donatário de Cameté em dezembro de 1635, lançandoilhe os primeiros fundamentos no sitio que actualmente se denomina Cameté tapera, legoa e meia ao correr do rio, do lugar a onde ela agora senão acha.

A escolha do terreno não nos parecia que fosse feliz; faz o rio aqui uma pequena enseada na qual as aguas correm com tamanho ímpeto, que, depois de terem desitruído a barreira que as apertava, minam os alicerces da cidade, tendo já subvertido boa parte dela.

A rua de São João Batispta, por exemplo, que é a mais comercial, vae já em grande parte tragada pelo rio; e tal abysmo tem as aguas cavado no Porto Real, que para não se interromper o transito desta rua, foi preciso unir dois membros desconjuntados

por uma ponte de madeira; entretanto o terrível inimigo não descança, trabalha do dia e a noite, ameaçando arrazar tudo.

D. João IV concedeu foros de villa a Cameté e desde então ficou chamando – Vila Viçosa de Santa Cruz de Cameté por alvaráa de 10 de fevereiro de 1821 foi lhe dado um juiz de fora com jurisdição e rendimentos iguais aos dos juízes de fora da cidade de Santa Maria de Bellem, capital da província; a lei provincial de 30 de abril de de(sic) 1841 elevou—a a cathegoria de comarca, e a de 24 de outubro de 1848 condecorou—a com o título de cidade, cuja inauguração se effectuou em 15 de abril de 1849.

Cameté também é sede de um comando superior de guardas nacionaes.

A cidade entendesse(?) com a natural e atraente indolencia das famosas filhas dos trópicos, pela margem do rio; as ruas são mais ou menos alinhadas mais estreitas; as praças espaçosas; as casas de construção regular, mas térreos que altas, não passando as altas, quasi nunca, de primeiro andar d'entre umas e outras surgem algumas de architettura elegante e de gesto moderno.

Cameté é império do rico commercio que se faz pelo rio Tocantins; serve de escala as embarcações que navegam entre a cidade de Bellem e a província de Goyas, sendo o cacao, do qual ba(?) duas safras (??????), o seu principal genero de producção. O commercio entre Cameté e Bellem é feito por barcos de vella e por duas linhas de paquetes a vapor. A indústria mais notável que aqui há é a manufatura de loiga pintada e dourada; também se pintam e douram cuias, e se preparam cachimbos, artefactos mais ou menos grosseiros, que tem grande consumo no paiz. A laranja de Cameté passa por ser a melhor da província.

Cameté terra de taes como D Romualdo Antônio de Seixas, sábio arcebispo da Bahia e Marquez de Santa Cruz; D. Romualdo de Souza Coelho; Bispo do Pará; do Dr. Angelo Custódio Corrêa que morreu martyr do seu dever e do seu amor aos Cametaenses quando a cholera-morbus lhe invadiu a cidade; e de Padre Prudêncio José das Mercês Tavares, que a frente de seus valentes conterrâneos defendeu Cameta dos horrores da anarchia em 1835 com a bravura d'um verdadeiro heroe.

Foi das praias de Cameté que partiu o grande capitão Pedro Texeira, em 28 de Outubro no 1837 para a expedição do Peru.

Tem essa cidade uma só freguesia, da qual é (?)rago S. João Baptista, a igreja é de trez naves, mas sem estylo architectonico definido.

Na capella mor deste modesto templo, foi sepultado em 16 de setembro de 1636, Francisco Coelho de Carvalho, primeiro governador e capitão general do Estado do Maranhão e Gram Para, que fallecera em Cameté, estando a ares, foi também aqui que o Marquez de Santa Cruz celebrou a sua missa em 02 de novembro de 1810².

(Jornal O Jasmim, nº 01, 26/01/1873, p.1)

² Foram mantidas as grafias da época em todos os excertos que retiramos dos jornais.

Como vemos, a perspectiva corrente da época aponta para o papel preponderante desta cidade naquele oitocentos, tida como “*inquestionavelmente a segunda cidade da riquíssima província do Gram Pará*”, “*império do rico commercio que se faz pelo rio Tocantins*”, fatos que certamente contribuíram para que Cametá recebesse as perífrases de “*Pérola do Tocantins*”, “*Cidade Invicta*” e “*Terra dos Romualdos*”. Diante desse cenário, a hipótese da existência de uma movimentada cultura letrada naquela cidade se fortalece.

Ressalte-se que em levantamento feito por Clóvis Meira, José Ildone e Acyr Castro na *Introdução à Literatura do Pará*, muito embora façam referência ao “papel saliente”³ de Cametá e reconhecendo que, ao lado, das cidades de Vigia e Santarém, “o papel que desde então vem desempenhando para a formação da Literatura Paraense”(1990, p.19), estes não mencionam a existência de nenhum periódico no século XIX na Cidade Invicta, apontando a existência destes apenas no início do século XX, tais como *O Mignon (1904/1905)*, *O Domingo (1905)*, *O Cenáculo(1906)*, *A Soveia(1908)*, *A Tesoura(1910)*.

Contudo, existem registros de pelo menos cinco periódicos no oitocentos cametaense, a saber *O Jasmim (1873-1879)*, *O Commercial (1882-1901)*, *O Progresso (1875)*, *A Reacção (1886-1894)* e *o O Artista (1891)*, Destes, elege-se, por hora, *A Reacção* para fazer algumas considerações.

2 A Reacção: vestígios de uma cultura letrada

O Jornal *A Reacção*, de publicação semanal, circulou entre os anos de 1886 e 1894 e durante o seu período de existência teve três subtítulos, todos de caráter político-partidário: a princípio, Órgão do Partido Liberal, mais tarde, Periódico Democrata, e, por último, Órgão do Partido Constitucional. Este caráter é compreensível quando pensamos que a situação dos periódicos no interior da província do Gram –Pará assemelha-se ao que ocorreu na sociedade francesa no século XVII, segundo nos informa Abreu (2003, p14), melhor dizendo “o poder politico buscou nas letras uma de suas formas de sustentação, não apenas como instrumento de propaganda mas como argumento de legitimidade.”.

Nesse sentido, sendo *A Reacção* órgão do Partido Liberal, certamente fazia oposição ao Partido Conservador, do qual até aqui não identificamos nenhum periódico ligado a ele, ou mesmo, fazer frente a um jornal mais antigo por aquelas paragens, *O Commercial*, que circulava desde 1882 e apresentava os subtítulos de “*Orgam do Partido*

³ Expressão utilizada pelos autores

Republicano do Tocantins” e, mais tarde, “*Orgam do Partido Republicano Federal no Tocantins*”.

Assim, sabendo que este periódico inaugura suas páginas em uma época que antecede uma importante mudança no cenário político brasileiro, a proclamação da República no Brasil, período de disputas ideológicas em que a formação de opinião era de grande relevância, entende-se que o papel do *A Reacção*, como dos demais jornais do século XIX, era de fomentar a discussão e cimentar a opinião pública na construção de uma democracia republicana, afinal, como assevera Nicolau Sevcenko(*apud* FARIAS, 2008, p.17), naquele momento “ O engajamento se torna a condição ética do ‘homem das letras’”. Um trecho exemplar dessas relações entre política e conhecimento, é observável no número 159 do *A Reacção*, que circulou em 29 de dezembro de 1889:

A REPUBLICA

Questão social

Quid facturi simus, cogitamus et id raro, quid facerimus, non cogitamus. At qui consilium futuri ex praeterio venit.

(Senec. Epist. LXXXIII)

—
Pensamos algumas vezes mas raramente no que queremos fazer;nunca no que fizemos. E todavia o conselho do futuro se dee tirar da consideração do passado.

(Jornal *A Reacção*, nº159, 29/12/1889, p.01)

O escrito acima, de título de *A Republica*, subtulado *Questão Social*, antecede um texto bastante longo sobre os rumos da confederação republicana que se constituía no Brasil e do caráter democrata que este novo sistema deveria se revestir. Na atitude de antecipar ao leitor a ideia-chave do texto seguinte, o redator faz uso de um trecho de Sêneca escrito em Latim, “idioma que exprimiria a verdadeira erudição”, e, em seguida, a tradução em vernáculo. É desse modo, que muitas vezes o que chamamos hoje de literário se confundia com textos de outra natureza, constituído então a cultura letrada, servindo, sobretudo, como afirma Barbosa(2007, p.30) a um intento “formador, científico, educativo, de crítica ou notícia, das Belas-letras, enfim”.

Este intento pode ser notado no periódico *A Reacção* a partir da diversidade e

heterogeneidade de textos e temáticas veiculados por esse jornal, que tanto traz artigos científicos do jornal inglês “*The medical Summary*”, como notícias sobre política, história, e curiosidades publicadas em jornais de Lisboa, Nova York, França, Bolívia, assim como dos nacionais, “*A Província de São Paulo*”, “*O Diário de Notícias*”, “*O Diário Mercantil*” e o “*Jornal do Commercio*”, do Rio de Janeiro, somente para citar alguns. Afora os periódicos paraenses, em especial, *A Província do Pará*.

É revestido dessa finalidade educativa e de crítica mencionado por aquela pesquisadora que vemos os escritos, que fazem a vez do que chamaríamos atualmente de editorial, da edição 109 d’ *A Reacção*:

Em todo país onde reina a civilização, a imprensa é tida como o melhor pharol para guiar a humanidade, cooperando sempre para o bem estar do povo e para o progresso do lugar; razão porque os povos instruídos prestam-lhe toda atenção, e sem perder tempo, providenciam os seus reclames atirados ao publico; provando assim seu patriotismo, sua dignidade moral e a grandeza de sua alma.

Um governo moralizado, mal ouve o clarim da imprensa, trata imediatamente de socorrer-a, porque a reconhece como única capaz de se interessar o mais possível pelo engrandecimento do lugar, por isso, é também a única que se oppõe formalmente as aggressões dos bandidos aos dinheiros públicos.

A imprensa é por elles respeitada como o esteio o a columna das rendas publicas e a quem as províncias, as cidades, as viilas etc, devem seu progresso, embora que os larápios a praguegem, não lhe enterrompem o direito de reagir contra os escândalos que servem somente de retrocesso a marcha da educação do povo.

E' preciso notar, que nos lugares onde sabem dar o devido valor a voz da imprensa, tudo anda em orbita regular, o que faz produzir um bom effeito, não acontecendo o mesmo aos que d'ella zombam.

[...]

Numerosíssimas vezes a nossa imprensa tem chamado a atenção da câmara para este ou aquelle ramo de serviço que está sendo mal executado, ou que se torna de grande necessidade á nossa população, e no entanto longe de attenderem essa abençoada voz, buscam ainda os meios mais condemnados pela nossa civilização, para abafal-a, porque esta semeia a luz da verdade ao publico pondo amostra a calva dos homens da prepotência.

[...]

(Jornal *A Reacção*, nº109, 13/01/1889, p.01)

Nesses excertos, observam-se a consciência e a defesa do papel da imprensa naquele XIX, o de ser “pharol da humanidade”, trazendo à luz os problemas daquela sociedade e, sobretudo, instruindo o povo. Tal defesa se dá em virtude da busca pelo reconhecimento dos leitores, identificando isto como atitude de indivíduos civilizados.

Mas, se o argumento destas letras anônimas não foi suficiente, na edição de número 113 do mesmo ano, ao lado da notícia do suicídio de um jornalista que deixara uma carta falando dos infortúnios da profissão e da dificuldade em agradar a todos o universo de leitores, publicou-se o texto *Imprensa* de Victor Hugo:

A Imprensa é voz do mundo.
Onde há a luz esta a providencia.
Quem reprime o pensamento atenta contra o homem.
Fallar, escrever, imprimir e publicar...são círculos sucessivos a intelligencia activa; são essas as ondas sonoras do pensamento.
De todos os círculos, de todos esses esplendores do espirito humano, o mais largo é a imprensa.
O seo diamante é o próprio diamante da civilisação.
Onde a imprensa livre é interceptada, pode dizer-se que a nutridão do gênero humano esta interrompida.
A missão do nosso tempo é mudar os velhos pensamentos da sociedade, criar a verdadeira ordem e collocar em' toda a parte a realidade no lugar das feições. Nesta deslocação das bases sociaes que é o trabalho collonal do século não resiste a Imprensa.
Imprensa é a força.
Porque ?
Porque é a intelligencia. E' o clarim vivo; toca a alvorada dos povos; annuncia em voz- alta o reinado do direito: não toca com a noite senão para, no fim d'ella, sair a aurora; advinha o dia adverte o mundo.
A imprensa... escrava! a reunião de palavras. . . impossível ! !
Não por mais que façam os déspotas, não ha escravidão para o espirito!
No século presente, sem liberdade da imprensa não ha salvação. Sem a imprensa, noite profunda.
A imprensa é o dedo indicador; é o auxiliar do patriota.
Qual é o espelho do covarde e do traidor ?
—A imprensa.
Todas as iniquidades, todas as perseguições, todos os fanatismos denunciam, insultam como podem.
A imprensa é a santa immensa locomotiva do progresso... que leva a humanidade para a terra de Canaan, a terra futura, onde não teremos em torno de nós senão irmãos e por cima o céu.
Que seja intrépida essa locomotiva sagrada, o pensamento, a sciencia, a philosophia — a imprensa, — Sejam bem vindos todos os espíritos.
Victor Hugo.
(Jornal *A Reacção*, nº 113, 10/02/1989, p.03)

Muito embora, este seja um texto reconhecidamente daquele escritor francês, Barbosa (2007, p.34) adverte que o “pesquisador dos jornais do século XIX deve desconfiar de tudo que encontra com nomes estrangeiros”. Aliás, que muita coisa ainda seja escrita sob o disfarce do anonimato, muitos escritos no periódico *A Reacção* já aparecem com sua autoria, seja de escritores já consagrados naquela época, como o próprio Victor Hugo, Balzac, Alexandre Dumas Filho, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu,

Raimundo Correia, dentre outros, seja de nomes que ficaram desconhecidos pelo nosso canône, tais como Antonio José, Aprigio Ottoni, Osvald de Meneses, Anto Pereira, para citar apenas alguns.

Mas se a autoria, naquele momento, ainda não era algo imprescindível à publicação em um periódico, pouco importando quem escrevia, sendo mais relevante o que se escrevia, observamos que muitos dos textos daqueles autores citados são poemas, revelando, ao que parece, uma predileção dos leitores e leitoras do *A Reacção* pela poesia, de que nos é exemplo *Um Beijo* de Jean Second, provavelmente veiculado no dia 03 de janeiro de 1889⁴, e *Canção* de Fagundes Varela, publicada em 20 de janeiro de 1889 do mesmo ano.

UM BEIJO
JEAN SECOND

Porque não lh'o deste, Rosa
O beijo que elle pedio?
A bocca, apenas mimosa
Roçou lhe a bocca e fugio,
-- Como creanaça medrosa
Que uma sombra espavorio!

Um beijo assim não é beijo!
Alvoraça o coração;
Nao mata, acende o desejo,
nem deixa saudades, não!
Sopraste o frio do pejo
Sobre a febre da paixão...
Entonteceu a cabeça
E o compromisso falhou:
Dar um beijo –eis a promessa
Que o coração combinou,
E em vez de dal-lo, travêssa,
A bocca não deu, furtou!

Canção
Escrepta na costa de uma
Nota de 10\$000
(Fagundes Varela)

Cantemos o amor e o vinho,
As mulheres, o prazer;
A vida é sonho ligeiro
Gozemos até morrer
Tim, tim, tim
Gozemos até morrer
A ventura nessa vida
É sonho que pouco dura
Tudo fenece no mundo,
Na louça da sepultura
Tim, tim, tim
Na louça da sepultura
Não sou desses gênios duros,
Inimigos do prazer,
Que julgam que a humanidade
Só nasceu para morrer
Tim, tim, tim
Só nasceu para morrer

A partir desses poemas é possível entrever que o gosto daquele publico leitor ainda está ligado aos temas românticos, em *Um Beijo* a mulher-criança e inocente diante dos jogos amorosos, e em *Canção*, a exaltação de uma vida boêmia repousada no amor, no vinho, nas mulheres e no desejo de ser feliz antes de morrer. Note-se que se faz relevante a circulação desses poemas em 1889, quando pensamos que o ano de 1881 é dado, por uma história da Literatura apegada às cronologias, como o marco de manifestações realistas no Brasil.

⁴ Esta edição do periódico encontra-se mutilada. Sabendo-se que o jornal era semanal, supõe-se que teria circulado nesta data.

Ressalte-se que os escritos dessa natureza não tem espaço definido no periódico, estando muitas vezes entre as notícias, na coluna de *Variiedades*, *Solicitados* e *Folhetim*, espaço este inclusive destinado aos textos em prosa, não exatamente ao romance-folhetim, mas à textos mais curtos, sem gênero definido, aproximando-se muitas vezes da crônica ou conto, como este intitulado *Página de Amor*, assinado por A.E. em 10 de fevereiro de 1889.



Figura 1- Texto da coluna Folhetim do jornal A Reação, nº113, 10/02/1889, p.02

Em *Página de Amor*, observa-se que a temática amorosa continua sendo privilegiada pelo periódico, entretanto o teor revela certa ironia diante dos exageros sentimentalistas dos amantes, chamando-os de “casal de loucos” e o amor de “micróbio”, “Loucura”, manifestando, dessa forma, uma postura menos idealizada diante do amor, apelando especialmente para as mulheres uma atitude mais racional, “*mais cautela, meninas, mais senso*”.

Outro aspecto também chama atenção nesse texto, o fato de se ver inscrito práticas de leitura e escrita daquele XIX, tal como a correspondência entre os amantes e a cópia de frases de livros enviadas nessas correspondências.

Como pode-se perceber o periódico *A Reação* é, como os demais de sua época, suporte, mas também veículo da cultura letrada, responsável por transmiti-la e disseminá-la. É nele também que encontramos informações sobre a vida literária na cidade de Cametá, confirmando que ali havia instituições que promoviam a instrução e a difusão dessa cultura das letras, tais como o *Gabinete Litterario Cametaense*, *O Club Oratório Cametaense*, *a Sociedade Beneficente Artística Cametaense*.

Conclusão

Feita essa breve exposição, é possível já entrever a partir do Jornal *A Reação* a existência de uma movimentada cultura letrada no oitocentos cametaense, uma cultura que entrelaça textos

consagrados e profanos, de qualidade literária ou não, mas cujo os textos, autores e gêneros que aparecem naquele periódico e que podem ser ditos menores, participam e colaboram na construção de uma cultura letrada no interior paraense, revelando modos de ver, pensar e ler de uma época.

Nesse sentido, penso que há uma dívida a ser paga com estes “intermediários esquecidos da literatura” paraense, pois o periódico *A Reação* é apenas uma figura metonímica que representa todo um contexto de efervescência cultural que necessita ser investigado minuciosamente para assim alcançarmos uma visão mais larga da história literária no Pará.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Márcia. Letras, Belas-Letras, Boas Letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (org.). **História da Literatura: o discurso fundador**. Campinas-SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **jornal e Literatura; a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Pova, 2007
- FARIAS, William Gaia. **O alvorecer da Republica no Pará (1886-1897)**. Belém: Açai, 2008
- MEIRA, Clóvis, ILDONE, José, CASTRO, Acyr, **Introdução à literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990

i **Ivone dos Santos VELOSO, Professora Mestra em Estudos Literários**
Universidade Federal do Pará(UFPA)
Faculdade de Linguagem/Campus Universitário do Tocantins/Cametá
E-mail: ivonevel@ufpa.br